

RESENHA

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2019.

Gabriel Vidinha Corrêa¹

O signo linguístico trazido à baila para o campo das ciências, por Ferdinand de Saussure no século XX, configurou-se como grande contribuição para o âmbito da linguagem, primeiramente pela novidade no que diz respeito à língua como objeto (e categorias úteis de análises associadas a ela) e escopo da Linguística Moderna, ao lado das contribuições de suas noções para o estabelecimento das Ciências Humanas. O auge desse momento, portanto, reflete em outras áreas do saber que operam com a linguagem enquanto cerne epistemológico, quais sejam, a psicanálise, a antropologia, a história e as artes, por exemplo. Todas elas em suas matrizes de pensamentos e viradas culturais que consideram o sujeito² como agente dos processos socioculturais e, por isso mesmo, marca central da produção de conhecimento na modernidade.

Atravessado um século, o pensamento saussuriano materializado no *Curso de linguística geral* (doravante *Curso*) ainda instiga fenômenos e atualiza nova concepções epistemológica, sobretudo, no campo linguístico-literário e suas ressonâncias nas humanidades. Por isso, no sentido de comemorar o centenário saussuriano e a virtualidade de sua obra atravessando a experiência do tempo, que os linguistas José Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan empreendem-se em organizar o livro *Saussure: a invenção da Linguística* (2019), publicado pela *Contexto*, que congrega leituras diversas sobre a obra de Saussure, quando do *Curso* e para além dele, considerando outras fontes profícuas para comemorar e atualizar suas predicções, como os manuscritos, recortes de alunos, além do entrelaçamento de seus pressupostos com outras áreas da linguística. A experiência de pesquisadores brasileiros que atuam em universidades

¹ Professor do Instituto Federal Baiano *Campus* Valença. Doutorando em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (PGCult/UFMA). É integrante do Grupo de Estudos de Paisagem em Literatura-GEPLIT/UFMA, do Grupo de Estudos em Língua(gem) e Crítica Cultural-UNEB e vice-líder do Laboratório de Estudos em Políticas Linguísticas, Interação e Desenvolvimento Humano-LIDAH/IF Baiano.

² Ver Michael Foucault em *As palavras e as coisas* (1999).

nacional e internacional, tendo a ideia do signo como *leitmotiv* de suas pesquisas, faz do livro em tela um banquete epistemológico capaz seduzir os olhos mais críticos e travessar mais um século de existência.

Reside nas noções de significado, significante, arbitrariedade, tempo, sincronia, diacronia, diferença, práticas sociais, língua, fala, um constructo que fazem (re)leituras necessárias para a compreensão de fenômenos linguísticos e seus desdobramentos. Esses conceitos colocam a ciência linguística como um ramo deslocado dos métodos das ciências exatas que se classificavam como uma condição *sine qua non* para que o *status* de ciências fossem conferidos aos outros domínios. Esse deslocamento deve-se em função de a língua configurar-se como um fenômeno social que se articula nas dependências que envolvem falantes e os meios pelo quais estão produzindo cultura. Assim, essas noções possibilitam “revisitar autores, obras, acontecimentos históricos, para vê-los sob nova luz, para ressaltar sua importância para o presente, para desfazer equívocos a respeito deles, para dizer para os mais jovens que papel tiveram, para fazer ver sua atualidade.” (FIORIN; FLORES, BARBISAN, 2019, p. 7).

“Por que ainda ler Saussure?” é o título sugestivo do capítulo que abre o livro. Escrito pelos organizadores, traz para a cena epistemológica, inicialmente, a ideia de clássico, tal como pressupõe Ítalo Calvino, como uma entidade dotada de influências que refletem nas ações da memória e do imaginário individual e coletivo. A pergunta, ainda, provoca os leitores no sentido de ampliar os horizontes acerca da obra saussuriana, haja vista o aspecto fundador que circula o *Curso* e suas oposições em relação aos seus predecessores que analisavam a língua do ponto de vista transcendental, analogista ou anomalista. A grande questão ora pregada por Saussure que reelabora a forma de pensar a língua é comentada por Fiorin, Flores e Barbisan (2019, p. 8) quando “a linguagem deixa de ser meio e passa a ser um fim em si mesmo. Isso significa que a explicação para os fatos linguísticos estará no interior da linguagem, a língua, e não numa realidade extralinguística.”. Essas predicções, somadas às demandas das ciências humanas, que colocam as questões socioculturais em agenciamentos, reverberam na atualidade da obra do genebrino, sobretudo, “Num momento em que reaparecem, com força total, as teses biológicas para explicar fatos

humanos, num esvaziamento social e cultural, Saussure é mais atual do que nunca. É necessário na resistência à desumanização das chamadas ‘ciências do homem’” (FIORIN; FLORES, BARBISAN, 2019, p. 9). Os autores, fundamentados, na máxima saussuriana de que o ponto de vista constrói o objeto, intercambiam novos olhares acerca do *corpus* e os caminhos genéticos que compõem os trabalhos de Ferdinand de Saussure, tais como: anotações de alunos, prefácios, decisões editoriais, manuscritos do próprio linguista, biografias, cartas, tudo isso demonstrando que “A magnitude do *corpus saussuriano* é um argumento incontestado de nossa tese relativa a trabalhos com fontes documentárias complexas” (FIORIN; FLORES, BARBISAN, 2019, p. 14, grifo dos autores) e que merecem a atenção no tempo presente, portanto.

O próximo capítulo, intitulado “Sobre mitos e histórias: a visão retrospectiva de Saussure nos três Cursos de linguística geral”, escrito pela professora Cristina Altman, do Departamento de Linguística da USP, dialoga diretamente com a memória dos cursos que foram ministrados por Saussure. Sob a ótica da historiografia, a autora traz uma leitura demonstrando a capacidade de agência de “Reinterpretar textos, anotações, manuscritos, correspondência, rever a literatura crítica e, principalmente, as lições dos Cursos de linguística geral que ministrou na Universidade de Genebra” (ALTMAN, 2019, p. 21). O ponto de reflexão que se inscreve no capítulo diz respeito sobre as inovações e referências das quais propõe Saussure na sua relação com a recepção dos pesquisadores do seu tempo acerca dos estudos linguísticos. Algumas questões relativas aos cursos chamam a atenção da autora, sobre o primeiro curso, destaca algumas categorias já desenvolvidas no século XX, como Mudança linguística e Descrição de línguas indo-europeias. Outras, ainda, associadas à figura do genebrino, como Sistema, Signo e Valor. Quanto ao segundo curso, “Apreende-se que há a língua individual, a linguagem, que é uma potencialidade, uma faculdade do indivíduo, e a língua social, a *langue*.” (ALTMAN, 2019, p. 24), e assim, coletividade e ato compõem campos distintos capazes de serem objeto de análise e descrição linguística. Do terceiro curso, a história da linguística e suas reverberações são temas recorrentes, pois o genebrino amplia o palco das discussões com as problematizações sobre a gramática e filologia enquanto tradição nos estudos das línguas. Além disso, a partir do caderno de

Constantin (um dos alunos), a autora pontua sobre o estudo científico da língua que prenuncia a semiologia, implicando diretamente na forma como o linguista se debruça em sua área de atuação que “tem como uma das suas tarefas fazer a história de todas as línguas conhecidas e suas famílias, de onde derivará as leis mais gerais.” (ALTMAN, 2019, p. 29).

No capítulo três intitulado “Uma aparente contradição em Saussure: o problema da relação língua-história”, de autoria de Márcio Alexandre Cruz, elege a relação sujeito, história e outras práticas sociais enquanto aspectos que desfazem equívocos que sobrevoam a obra de Saussure, como a ideia da redução da história nas perspectivas linguísticas do genebrino. Marcio Cruz aponta o interesse dos outros domínios das ciências humanas e da filosofia que intentam refletir e problematizar as questões da língua. Nesse sentido, sustenta que “Saussure não exclui dos estudos linguísticos a história, tampouco o sujeito ou o sentido. Antes, ele inscreve-se numa tradição que representou uma reação a outra tradição que, esta sim, teria excluído tais elementos, qual seja, a tradição naturalista.” (CRUZ, 2019, p. 34). Portanto, percebemos que a concepção sujeito da modernidade é importante para os fenômenos linguísticos, e os pressupostos da Sincronia e Diacronia que a linguística propõe não reduz os processos históricos, antes são trazidos à luz para auxílio das análises linguísticas e socioculturais sob óticas distintas. Um grande exemplo, dos matizes do tempo na perspectiva saussuriana, está denotado na noção da arbitrariedade do signo, ou seja, entre o significado e significante não existe uma relação absoluta de valor, as leis semiológicas que regem a língua, nesse sentido estão na experiência do tempo de forma geral (como cada sistema se comporta na diacronia) e nas relações entre os falantes e as práticas sociais de cada tempo (o recorte sincrônico). O laço arbitrário do signo, “nos faz melhor compreender por que apenas o fato social pode criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consentimento geral.” (SAUSSURE *apud* CRUZ, 2019, p. 41), logo o que pressupõe que não há isenção dos fatores trazidos pela história.

O próximo capítulo intitula-se “O lugar do conceito de fala na produção de Saussure”, de autoria de Eliane Silveira. O título já nos sugere um conceito que é pouco analisado pela fortuna crítica: a fala; muito em função

da ideia mais ampla de que o auge da teoria saussuriana é a língua, quando os conceitos de *langue* e *parole* são remontados. A fala, tal como problematiza Saussure, implica diretamente em como o método científico percebia a língua, sob o ponto de vista naturalista e positivista, assim “é preciso considerar que a distinção entre língua e fala não é decorrente de atitudes teóricas isoladas, mas tem relação com as diversas empreitadas de Saussure, como muitos autores já notaram em relação às suas análises.” (SILVEIRA, 2019, p. 47). Silveira destaca ainda que a presença da fala no *Curso* nos auxilia na compreensão da consolidação da teoria de Saussure, haja vista que a fala e suas relações fonéticas entram em agenciamento sobre a natureza psíquica e social do signo, e “Fisiológico e físicos são os processos que constituem o funcionamento da fala.” (SILVEIRA, 2019, p. 50), e destaca ainda: “o conceito de fala do seu tempo deu lugar a um conceito de língua e fala” (SILVEIRA, 2019, p. 50), e por isso merece um olhar crítico além da dicotomia.

Em “O Curso de linguística geral e os manuscritos saussurianos: *under exoriar?*”, Hozanete Lima, do questionamento que Saussure *under exoriar*, presente em um dos manuscritos, reflete sobre os pontos de partidas acerca do signo e, mais especificamente, sobre os eixos sintagmáticos e paradigmáticos. A autora destaca que as anotações que compuseram o *Curso* e a vasta produção de manuscritos configuram a obra do mestre genebrino como um *status quo* da construção da linguística, além disso a natureza sedimentar, no entanto, “perturbam e dão vida a novas pesquisas no interior do mundo acadêmico” (LIMA, 2019, p. 60). A partir de algumas metáforas utilizadas por Saussure no decorrer do curso, Lima mergulha nas representações e chega à conclusão de que há relações diretas entre o princípio do valor e o funcionamento dos eixos sintagmáticos e paradigmáticos. Há um anúncio nesse olhar indicando que a língua não é uma entidade fixa. A potência, portanto, reside nas marcas sócio-históricas representadas pelo eixo vertical: “paradigmático, lugar em que a língua é aberta para a possibilidade de já-ditos ou cadeias estabilizadas. Nesse eixo, as palavras rolam umas sobre as outras, por similitude de naturezas variadas” (LIMA, 2019, p. 65). Temos aí a virtualidade da natureza do signo convocando outras categorias como o imaginário, o histórico, o social enquanto possibilidades de leituras.

No capítulo seis: “Mostrar ao linguista o que ele faz: as análises de Ferdinand de Saussure”, Valdir do Nascimento Flores faz um resgate de uma frase presente em uma carta que o genebrino envia a Antonie Meillet. A carta é editada e publicada em 1946 no *Cahiers Ferdinand de Saussure*, organizado por Émile Benveniste. O seu teor é de descontentamento no que diz respeito aos caminhos que a linguística do seu tempo toma enquanto escopo do objeto científico. Nas palavras presentes no *Cahiers*: “Estou muito desgostoso com tudo isso e com a dificuldade que há, em geral, de escrever sequer dez linhas tendo o senso comum em matéria de fatos da linguagem.” E continua, “vejo, cada vez mais, a imensidade do trabalho que seria necessário mostrar ao linguista o que ele faz” (SAUSSURE *apud* FLORES, 2019, p. 71). A discussão reside na problemática epistemológica sob a percepção de Saussure acerca do recorte da linguística, considerando, principalmente, o exercício do linguista na passagem do século XIX para o XX. A tese que sustenta Saussure está baseada na ideia de articular mecanismos linguísticos circunscritos em uma relação fenomenológica que coloca a “língua à serviço da *criação*” (FLORES, 2019, p. 72, grifo do autor). Nesse contexto, o autor destaca que as grandes categorias saussurianas, quais sejam: língua, fala, sincronia, diacronia, sintagma, paradigma são operados de forma não dicotômica, mas sim considerando que “sua Linguística *supõe que todos os fenômenos são relação entre relações*” (FLORES, 2019, p. 73, grifos do autor).

O “Pequeno ensaio sobre o tempo na teoria saussuriana” é o tema que Maria Fausta Pereira de Castro elege para ampliar as noções do tempo na obra de Ferdinand de Saussure. As colocações nos remetem a vida semiológica das línguas sob a influência do tempo, reflexão nada ordinária na perspectiva do linguista, como aponta Maria Fausta. Discussão pouco abreviada no *Curso*, mas revelado pelos *Escritos* (2004) suas intervenções e problemáticas dividem a linguística em dois ramos, a Linguística sincrônica e a Linguística diacrônica. A primeira “estuda as relações tecidas entre termos coexistentes formando sistemas, que rege a mesma consciência coletiva”, a segunda “se ocupa das relações entre termos sucessivos, não percebidos pela mesma consciência coletiva.” (CASTRO, 2019, p. 88). Essas predicções ampliam as discussões em torno do signo, sobretudo, quando da noção da arbitrariedade configurada a partir das inúmeras possibilidades que a massa

falante dialoga com o sistema da língua, “sem atenção às motivações de ordem lógica ou natural” (SAUSSURE *apud* CASTRO, 2019, p. 89). Assim, com objetivos distintos “a questão para Saussure é a impossibilidade de se tratar simultaneamente um sistema de valor tomado em si (ou em um momento) e os sistemas de valores no eixo do tempo” (CASTRO, 2019, p. 89).

“O projeto semiológico” é o capítulo de autoria de José Luiz Fiorin, que na oportunidade já nos indica que as sutilezas teóricas presentes no *Curso* consagrado, sobretudo pela Semiologia, conferem a Saussure o título de fundador da Linguística moderna. Para Fiorin (2019, p. 101, grifo do autor), “Se há uma série de sistemas de signos, que funcionam como a língua, será preciso criar uma ciência geral desses sistemas, que será denominada *Semiologia*”. A heterogeneidade dos fatos linguísticos é atrelada às práticas sociais operadas pela linguagem, o que faz da semiologia “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (SAUSSURE *apud* FIORIN, 2019, p. 101). Nesse sentido, o projeto ganha relevo frente à noção, apenas, comparatista sob a qual a língua era analisada. Na verdade, a partir do que propõe a abordagem semiológica, há de se reconhecer que um signo existe na medida que entra em oposição a outro, por isso que as noções de valor e de arbitrariedade são convocadas para análise do projeto saussuriano. O laço arbitrário que une significado ao significante é lido a partir de como “Os meios de expressão usados numa sociedade fundam-se num hábito coletivo, nunca conversão” (FIORIN, 2019, p. 102), logo não há relação absoluta de correspondência no interior do signo, nem tampouco “entre signos de línguas diferentes” (FIORIN, 2019, p. 102), pois a vida semiológica da língua configura-se ao lado da vida social. A categoria da arbitrariedade desdobra-se para outras manifestações, pois o princípio regido pela semiologia “permite postular a unicidade do sentido independentemente de sua manifestação. Assim, o sentido pode ser estudado da mesma maneira em todas as linguagens.” (FIORIN, 2019, p. 104).

A próxima discussão é apresentada por Maria Francisca Lier-DeVitto, a partir do ensaio “Efeitos do pensamento de Saussure na teorização sobre erros e sintomas na fala”. Provocada por alunos e colegas quando de sua atuação no Curso de Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sobre falas estilhaçadas, efeitos clínicos, patológicos, dentre outros, a pesquisadora empreende-se em aproximar os pressupostos saussurianos à

abordagem clínica, assim foi levada “a problematizar acontecimentos linguísticos que são marginais no âmbito da Linguística e a enfrentar necessidades teóricas e clínicas como a de oferecer definições para sintoma (que se difere de erro)” (LIER-DE VITTO, 2019, p. 115). Para essa discussão, autora primeiramente reconhece as fragilidades da tradição linguística em relação aos processos fisio e patológicos da linguagem, ao mesmo tempo que considera importante a aproximação entre Saussure, Jakobson, Pêcheux e outras esferas interdisciplinares, isso em função da complexidade e novidade que reside nessa articulação. No tocante às contribuições do genebrino para as análises clínicas, a autora destaca um discurso que ganha desdobramentos em caso específicos de problemas na linguagem, para ela: “pode-se retirar que *la langue* está, necessariamente, em operação com *la parole*, mas a primeira não se confunde com a segunda: erros (ocasionais ou não) decorreriam de afetações externas que interferem na ‘execução’, mas não no organismo da língua” (LIER-DE VITTO, 2019, p. 117, grifos da autora). A partir disso, em cada caso clínico é possível perceber as tensões empíricas e epistemológica, principalmente, apontando um olhar crítico para não reduzir os fenômenos linguísticos e clínicos em suas extremidades.

Mônica Nóbrega e Raquel Basílio somam à discussão com o texto “A contribuição de Ferdinand de Saussure para compreensão do signo linguístico”. Afora o reconhecimento da vasta produção saussuriana para além do *Curso*, as autoras suscitam sobre a repercussão das categorias do signo, da arbitrariedade e do valor em outras constituições dos estudos linguísticos. Nesse bojo, destacam o reflexo da teoria saussuriana no ramo do Interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart e seus colaboradores. A partir das práticas languageiras e dos gêneros de texto, podemos ver ecoar matizes do signo no ISD, principalmente “observando a epistemologia interacionista que visa demonstrar como a capacidade humana não resulta apenas de propriedades biológicas, nem de propriedades do ambiente, isoladamente. Ao contrário, elas se constroem na atividade” (NÓBREGA; BASÍLIO, 2019, p. 143) em diferentes níveis dos planos sociais.

Outra singular repercussão da teoria saussuriana é atravessada no âmbito da Análise do discurso, como nos apresenta Carlos Piovezani no capítulo “Presenças do *Curso de linguística geral* na Análise do Discurso”, a

própria autoria do curso entra como objeto da análise do discurso (AD) pela ideia, como considera Piovezani, de um texto do qual Saussure preferiu não escrever, mas que se desdobrou tempos a fio, o que nos permite ampliar a leitura da obra do genebrino, pois “Se falamos todos amiúde sobre a fala, nem todos os dizeres sobre o dizer possuem o mesmo valor: enquanto uns são esquecidos quase no mesmo instante de sua enunciação, outros continuam a se fazer ouvir por outras vozes em outros tempos e lugares.” (PIOVEZANI, 2019, p. 149). Considerados por alguns críticos como fundador e por outros por censor, a verdade é que o pensamento saussuriano adentra a escola francesa por meio dos trabalhos de Levi-Strauss, Lacan, Foucault, Pêcheux, Barthes, Derrida. As problemáticas sobre a manifestação da língua se reconfiguram na AD, pois por meio da trama discursiva e das subjetividades que recaem sobre o discurso podemos compreender que “O funcionamento do dizer não é integralmente linguístico e, por essa razão, somente pode ser analisado por meio da consideração dos protagonistas e do objeto do discurso inscritos em certas condições de produção e de sua relação com outros dizeres” (PIOVEZANI, 2019, p. 153). As faces das estruturas linguísticas se entrelaçam às noções de valores nos momentos da enunciação e por isso Saussure, se não diretamente mas onipresente, serve como fonte para os pressupostos da Análise do Discurso.

De forma semelhante, o texto que encerra a coletânea também tematiza as relações do signo com o discurso, assim Leci Borges Barbisan em “Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem”, intenta discutir a partir do *Curso* e manuscritos a complexidade da linguagem ao empreender uma aproximação com o escopo teórico da Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot. Para Barbisan (2019, p. 165), algumas categorias são indissociáveis para compreensão do fenômeno discursivo, isso porque “se os signos da língua, isto é, conceitos revestidos pela forma linguística, são dotados das propriedades de significar e de se relacionar com outros signos, então os signos da língua, por sua própria natureza, contêm neles o discurso.”, nesse sentido, língua e discurso coexistem enquanto marcas da experiência discursiva no seio das práticas sociais.

Ao fim, todos os capítulos do livro *Saussure: a invenção da linguística* (2019) congregam inúmeras vertentes capazes de nos fazer refletir

sobre o fenômeno da língua. Além disso a teoria saussuriana atualiza-se na sua própria virtualidade, seja a partir do consagrado *Curso de linguística geral*, seja por meio de outras materialidades. Saussure vive e atravessa tempos.

Recebido em 21 de maio de 2022.

Aceito em 18 de junho de 2022.